

País não sabe quantos laboratórios têm vírus da pólio e se expõe a risco

Governo inicia segunda tentativa de listar laboratórios que armazenam amostras para incinerá-las e evitar vazamento

Fabiane Leite

O Brasil ainda desconhece o número de laboratórios que trabalham com o vírus da poliomielite ou que guardam material que possa estar infectado pelo microrganismo. O poliovírus é causador da paralisia infantil, doença erradicada no Brasil e nas Américas desde 1994 em razão de seguidas campanhas de vacinação. Mas a existência de vírus armazenados traz risco de reintrodução da doença, se não forem tomados os devidos cuidados.

Em 1999, a Assembléia Mundial de Saúde reiterou o compromisso da Organização Mundial da Saúde (OMS) para erradicar a poliomielite e recomendou a todos os países-membros, entre os quais o Brasil, que empreendessem esforços para a contenção do poliovírus em laboratórios. Plano da OMS finalizado em 2002 estabeleceu que o primeiro passo para evitar que vírus escapassem dos laboratórios era realizar um levantamento de unidades que trabalham pesquisando o microrganismo ou têm amostras guardadas que podem estar contaminadas. É o caso de fezes e água de esgoto coletadas para análises quando ainda havia circulação do vírus – que é transmitido de pessoa para pessoa, pelo contato com secreções ou fezes do doente.

Dos mais de 17 mil laboratórios, só 1,6% respondeu a pesquisa de 2004

Depois de localizados os laboratórios que podem abrigar poliovírus, as autoridades de saúde deveriam eliminar as amostras – o que pode ser feito via incineração – ou mantê-las em locais seguros.

PRECEDENTES

Toda a preocupação com a eliminação do poliovírus em laboratórios não é à toa. Há histórico de doenças erradicadas que voltaram a atacar depois que vírus escaparam de locais de pesquisa. Após a erradicação da varíola, em 1977, uma pessoa morreu quando o vírus escapou de um laboratório no Reino Unido que não adotou os cuidados necessários. O diretor do laboratório suicidou-se. Em 1992, um funcionário de uma fábrica de vacinas contra a pólio – produzidas com o vírus – levou a doença para casa, infectando o filho.

O Ministério da Saúde brasileiro ensaiou um levantamento

de laboratórios em 2004 por meio de questionários impressos, mas apenas 1,6% dos mais de 17 mil laboratórios existentes naquela época respondeu. Foram localizadas apenas sete unidades que trabalhavam com o vírus ou que poderiam ter material contaminado: Fundação Oswaldo Cruz (RJ), Instituto Evandro Chagas (PA) e os laboratórios centrais de saúde pública de Pernambuco, Rio Grande do Sul, Distrito Federal e Bahia, além do Instituto Adolfo Lutz, de São Paulo.

“Na época, não houve adesão por falta de boa divulgação. Além disso, como o trabalho não foi bastante esclarecido, unidades ficaram com receio sobre que tipo de material teria de ser descartado”, afirma Eduardo Hage, diretor de Vigilância Epidemiológica do Ministério da Saúde. “Talvez o fato de poucos terem materiais contaminados explique o desinteresse”, afirma Expedito Luna, diretor de vigilância na época do primeiro questionário.

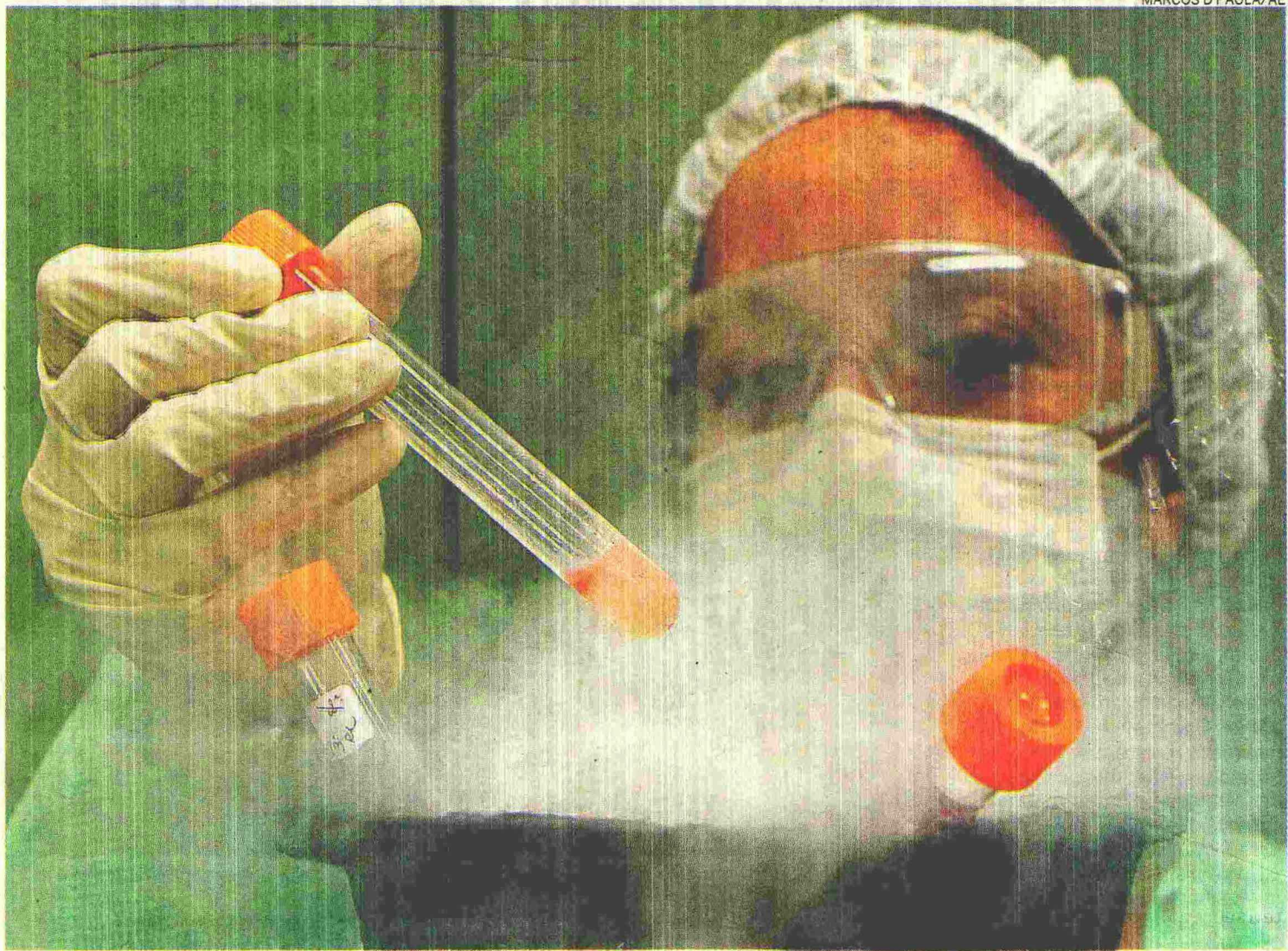
O ministério acaba de relançar o levantamento, desta vez por meio de questionário eletrônico, tendo como alvo cerca de 20 mil laboratórios públicos e privados existentes hoje. O órgão promete concluir todo o processo até 2009 – o que inclui a eliminação ou armazenagem dos vírus remanescentes da paralisia infantil em laboratórios de alto nível de biossegurança.

SOBREVIVÊNCIA

No caso do Brasil, o vírus da pólio circulou até 1989 e a erradicação foi certificada pela OMS em 1994. Portanto, amostras coletadas até o fim dos anos 80 podem estar contaminadas se adequadamente refrigeradas. A uma temperatura de -70°C, por exemplo, o vírus pode sobreviver de 20 a 30 anos, explica Edson Elias da Silva, chefe do laboratório de enterovírus da Fundação Oswaldo Cruz, referência para a Organização Pan-Americana de Saúde em poliomielite e um dos poucos a responder o questionário em 2004.

A unidade da Fiocruz tem nível 3 de biossegurança, mais do que o necessário para a contenção do poliovírus, e atualmente armazena centenas de materiais com o microrganismo para pesquisas.

Para Silva, a falta de adesão ao levantamento dos laboratórios pode ser explicada também pela “falta de noção” de algumas unidades. “Mesmo que eles não trabalhem com o poliovírus diretamente, podem estar abrigando-o sem saber.”



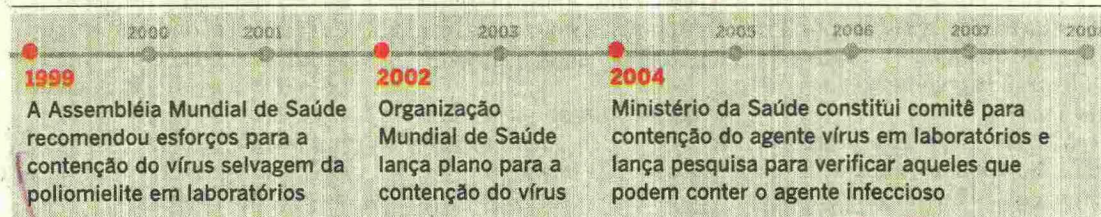
MARCOS D'PAULA/AE

TECNOLOGIA – Fiocruz, que armazena material para pesquisa, tem nível 3 de biossegurança, mais do que o necessário para conter o poliovírus

VIGILÂNCIA

Pelo fim da poliomielite

A existência de vírus armazenados traz risco de reintrodução da doença no Brasil



Resultados

17.822

laboratórios existiam naquela época

289
responderam
(1,6%)

7 manipulavam ou mantinham
materiais que podem estar contaminados

O vírus circulou no Brasil até 1989. Mas ele pode sobreviver em ambientes refrigerados adequadamente por até 30 anos

17.533
não responderam

Laboratórios que podem conter o vírus

Laboratórios de testes ambientais

● Podem conter amostras de água contaminadas

Laboratórios de indústrias

● Fabricantes de vacinas que manipulam o vírus

Laboratórios clínicos

● Amostras de fezes e parasitas podem estar contaminadas

Laboratórios de pesquisa

● Aqueles que pesquisam doenças entéricas, infecções parasitárias ou nutrição também podem ter material contaminado

Cai procura pela campanha de vacinação no País

... A Campanha Nacional de Vacinação contra Poliomielite atrai atenção cada vez menor da população. Historicamente, ela sempre contou com altos índices de adesão. Mas, de 2001 para cá, as taxas de cobertura vêm caindo e, no ano passado, a meta de imunizar 95% das crianças menores de 5 anos não foi atingida.

Essa desmobilização da sociedade preocupa autoridades sanitárias. Embora a poliomielite esteja oficialmente erradicada no Brasil desde 1994, o número de infecções em outros países é significativo. Ano passado, 1.313 casos, espalhados em 13 países, foram registrados. Em quatro deles – Índia, Afeganistão, Nigéria e Paquistão –, a doença é endêmica. Com alto número de casos no exterior e redução de crianças imunizadas aqui, cresce o risco de reintrodução da doença. Uma pessoa infectada no exterior desembarcaria no Brasil e, em contato com a criança sem proteção, poderia haver a contaminação. ●